

Camélias e Revista Ilustrada: o movimento abolicionista em litografias de Ângelo Agostini.

Rafael Santos da Silva*.

Resumo: Importante periódico do fim do século XIX, a Revista Ilustrada de Ângelo Agostini se tornou referência para historiadores que pesquisam a imprensa, mas também àqueles que se voltam às idéias e aos valores de uma época. Há, entre as litografias do cartunista, algumas que podemos indicar como significativas para o estudo da escravidão e do abolicionismo. A presente comunicação procura analisar algumas delas a partir da compreensão de que os abolicionistas desenvolviam campanha oficial e extra oficial que podem ser identificadas pelas imagens da revista, em especial na simbologia das camélias, que assumia forte crítica à escravidão.

Abstract: Important periodic of the end of century XIX, the Revista Ilustrada of Ângelo Agostini if also became reference for historians who search the press, but to that if they come back to the ideas and the values of a time. There are, in the lithographies of the cartunist, some that we can indicate as significant for the study of the slavery and the abolitionism. The present communication looks for to analyze some of them from the understanding of that the abolitionists developed official campaign and extra officer that can be identified by the images of the magazine, in special in the symbology of the camélias, that assumed critical fort to the slavery.

Palavras chaves: Abolicionismo – camélias – charges.

Words keys: Abolitionism - camellias - charges.

* Graduando de História da Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro e bolsista do Programa de Educação Tutorial (MEC).

Este trabalho explora a campanha abolicionista empreendida no Brasil na década de 80 do século XIX nas páginas da Revista Ilustrada, mais exatamente, nas litografias feitas por Ângelo Agostini. Italiano do Piemonte, Agostini chega ao Brasil em 1859, mas apenas em 1º de Janeiro de 1876 funda a *Revista Ilustrada* que no ano de 1889 alcançou a tiragem de quatro mil exemplares (BARREIROS, 2008, 1-2). É possível concluir que pelo menos na cidade do Rio de Janeiro a *Revista Ilustrada* tinha boa difusão, ou seja, as idéias vinculadas a ela não ficavam restritas apenas a algumas pessoas, pelo contrário, eram bem difundidas.

Isso se deve em boa parte pela presença das litografias humorísticas de seu fundador, que caracterizaram o cotidiano das pessoas da cidade e construindo uma democratização dos temas, não se atendo apenas a questões da elite dirigente. As revistas humorísticas, como um todo, desfrutavam de um lugar de destaque na imprensa carioca do final do século XIX, acompanhada com uma valorização do próprio chargista (NERY, 2000, 78 – 79). As charges de Ângelo Agostini serviam de contraponto crítico à realidade social e política do final do Império, dessa forma, foi uma das mais eficientes formas de comunicação para uma parcela da população iletrada e descontente com sua situação a margem da sociedade. Devido ao seu caráter associado à denúncia, à crítica e ao comentário social e político, aliado ao humor presente em seus desenhos, acredito que Ângelo Agostini é um chargista, e não um caricaturista, segundo os parâmetros de Luiz Guilherme Sodré Teixeira¹.

Neste mesmo trabalho, o autor analisa como desde o século XVII o gênero visual e humorístico foi deixado em segundo plano como produtor de verdade, dessa forma, este acabou sendo franqueada ao estilo de ensaio e experimentação. Ângelo Agostini soube muito bem fazer uso desta liberdade para criar, por isso, suas litografias podem dar a nós historiadores um bom exemplo do jogo de força que existia naquela sociedade. O artista em questão soube associar o universo de referências eruditas e o contato com o público mais popular do Rio de Janeiro, dessa forma, seus desenhos podem evidenciar o cenário de relações simbólicas inseridos na corte do final da década de 80.

¹ Cf. TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. “Charge” IN *Sentido do humor, trapaças da razão: a charge*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005, P 73 – 91.

No trabalho de Sidney Chalhoub “Visões de Liberdade” o autor afirma a presença de uma cidade negra dentro do Rio de Janeiro: “ Em suma, a formação da cidade negra é o processo de luta dos negros no sentido de instituir a política – ou seja, a busca da liberdade – onde antes havia fundamentalmente a rotina.” (CHALHOUB, 1990, 186) Em outras palavras, esta “cidade negra” é um conjunto de significados resultante de práticas sociais em transformação, que se deslocam do caráter cotidiano para o político como por exemplo os castigos, as alforrias, ou os atos de compra e venda entre outros. Agostini compartilhava desta realidade, e passa para seus desenhos também um forte significado político contestador em relação à escravidão.

Ele não era o único, pelo contrário, a luta em prol da abolição ocorreu em diversos campos. Exemplos como, à atuação da imprensa escrita sob a figura de José do Patrocínio e João Clapp – líderes da Confederação Abolicionista - para a ação no parlamento com Rui Barbosa, para os escritos dos literatos como Coelho Neto e as ações legalistas dos advogados que defendiam escravos em processos de libertação. Todos os exemplos são ações de certa forma permitidas em prol da abolição por parte dos contemporâneos. Entretanto, algumas ações de caráter mais direto e junto aos escravos foram caracterizadas como ilegais e perigosas, já que se temia a insurreição em massa dos negros. Este tipo de ação foi muito empreendida por populares, exemplo são os caifazes e cometas característicos do Movimento Abolicionista de São Paulo (MACHADO, 1994, P. 152 – 155).

As litografias de Ângelo Agostini se encaixam neste contexto de “ação permitida” em prol da abolição. Entretanto, ainda que arrolada como parte das ações “oficiais”, essa campanha estética teve a capacidade de captar o não dito, sentidos mais amplos e por vezes mesmo oculto aos olhares mais desatentos. Entendo que o chargista compartilha algo em seus desenhos que é comum e coletivo a boa parte da população do Rio de Janeiro no período estudado. Podem, seguindo o entendimento de Margarida de Souza Neves, agir como produtoras de consenso na cidade (NEVES, 1992, P. 78), onde a forma de penetração é muito maior que a letra, agindo muitas das vezes como valor pedagógico para alguns.

Por tais características, esta ação oficial pode muito bem esconder por trás de si uma ação não convencional de luta, e que podemos identificar como “extra oficial”. Entretanto, para identificar tal caráter é preciso problematizar as litografias. Acredito

que Ângelo Agostini faz uso de seus desenhos para fazer circular não ditos, traduzindo idéias em imagens, já que esta ação era permitida. Como afirma Peter Burke nos seu quarto capítulo do livro *Testemunha Ocular* - usando o exemplo da distribuição de seis mil exemplares com imagens durante a Revolução Francesa - as imagens propagam valores (BURKE, 2004, 96 – 98).

Seguindo ainda o pensamento de Burke, a popularidade alcançada por algumas caricaturas, charges e desenhos em geral podem nos auxiliar a reconstituir mentalidades ou atitudes políticas que desapareceram. Acredito que a *Revista Ilustrada* se insira neste exemplo, especialmente quando, tratando da questão da abolição, o artista apresenta em seus desenhos algumas camélias, flores estas que também podem ser chamadas de “Camélias da Liberdade”. Considerando o trabalho de Eduardo Silva, vejo nestes desenhos um ideal abolicionista, referendando a defesa da liberdade dos escravos (SILVA, 2003, 11 – 35).

O alcance da simbologia das camélias chegou até a princesa Isabel, que segundo Rui Barbosa o presente de buquês de camélias que esta ganhou foi “a mais mimosa das oferendas populares” após a assinatura da Lei Áurea (SILVA, 2003, 43). Em tal contexto não é possível considerar ingenuidade no uso de camélias nas litografias do abolicionista Ângelo Agostini, tanto que achou mais significativo e valioso desenhar em sua revista este episódio comentado por Rui Barbosa, do que a entrega da caneta de ouro, brilhantes e rubis que a princesa acabara de receber (figura 1). Ou seja, para aqueles contemporâneos que compartilhavam do ideal abolicionista este buquê foi o presente mais apropriado para aquela que assinou a libertação legal dos escravos.

As camélias representam uma das alas mais radicais do movimento abolicionista, já que pregava a não indenização aos “proprietários” de escravos¹. Fora isto, o Quilombo do Leblon – especializado em produzir Camélias -, com a ajuda da Confederação Abolicionista acoitava diversos escravos fugidos. Com isso, estimulavam cada vez mais as fugas de escravos, muita das vezes com ações dentro das fazendas. Vê-se que a Confederação Abolicionista não se resumiu apenas à ação no jornal “Gazeta da

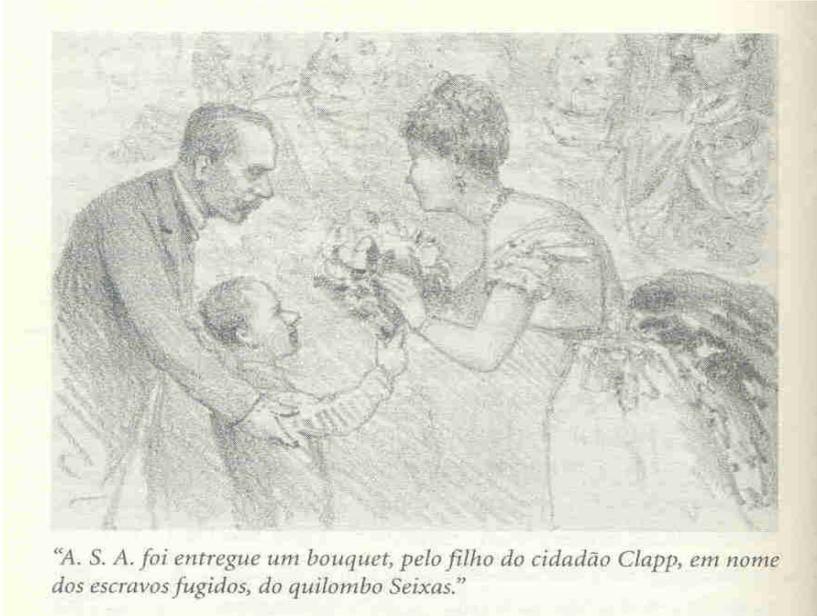
² O uso das aspas se deve pela alegação de Rui Barbosa, este afirmava que não existiam mais escravos no Brasil, e sim escravizados após a Lei de 1931 que proibia o tráfico de negros da África para o Brasil (SILVA, 2003, 52 – 58).

Tarde”. Podemos analisar no livro “O Plano e o Pânico” de Maria Helena Machado que este grupo não almejava apenas a abolição, pelo contrário, eles viam nesta apenas um passo para uma série de reformas sociais que o Brasil deveria sofrer após o fim do trabalho cativo (MACHADO, 1994, P. 166 – 167). Assim, a autora conclui que mesmo com a abolição alguns estavam descontentes, já que tinham outros objetivos que não só o fim da escravidão.

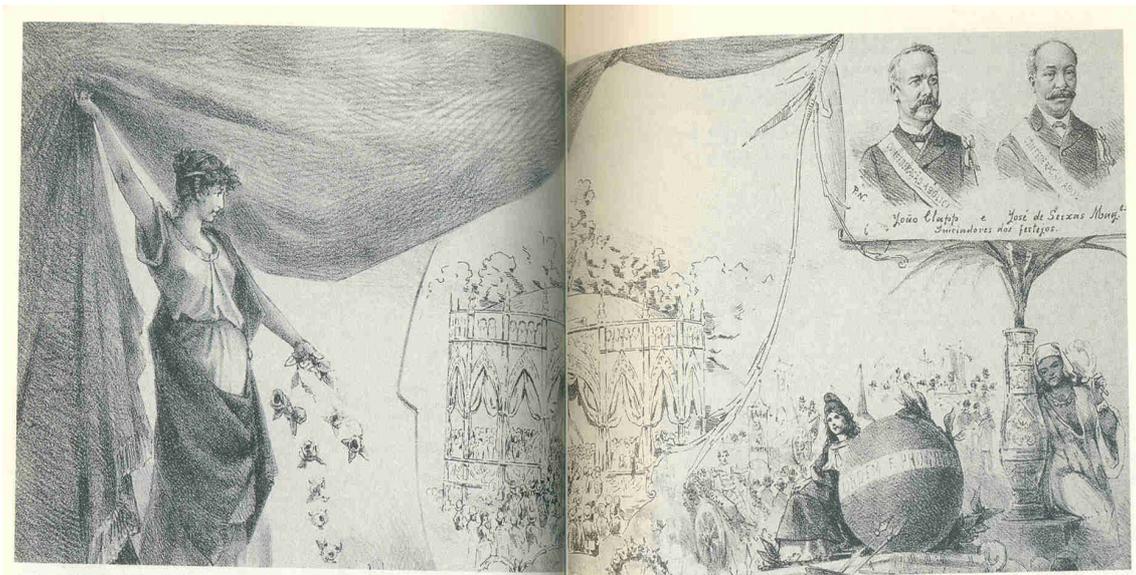
Nos desenhos de Ângelo Agostini além da propaganda permitida contra o sistema escravista, vê-se também a presença de ideais que estão fora do que era permitido em prol da campanha abolicionista. Ou seja, a *Revista Ilustrada* pode ser um dos únicos exemplos da presença dos dois tipos de conceito de campanha abolicionista aqui expresso, existindo nas litografias referências tanto de uma campanha oficial de luta contra a escravidão, como de uma “extra oficial”. Quando o autor desenha as camélias pode-se analisar o uso de um símbolo abolicionista, mas mais do que isso, a presença ali de um dos movimentos mais radicais em prol deste objetivo, e até indo mais além do que apenas o fim sistema escravista.

Exemplo deste objetivo da Confederação está em uma litografia posterior a Abolição, mais exatamente, na “brilhantíssima comemoração” do segundo aniversário desta (figura 2). Nela a já então capital republicana abre as cortinas da história e apresenta ao público as comemorações deste dia tão festejado, e nas mãos da simbólica representação da República estão camélias que são jogadas ao público. Neste sentido, o ideal intrínseco nas camélias para Agostini deve ser buscado por esse novo sistema de governo, apesar da escravidão já ter acabado este ainda não foi totalmente concretizado.

Assim, através de uma análise iconológica das litografias de Agostini - como pregava a Escola de Warburg com destaque ao ensaio de 1939 feito por Panofsky – pode-se analisar o significado intrínseco que está por de trás destas charges. Revelando então as atitudes de certo grupo de pessoas que compartilhavam daqueles ideais abolicionistas, usando para isso a simbologia das camélias.



(Figura 1)



(Figura 2)

Referência Bibliográfica:

BARREIROS, Rubiana de Souza. *Revista Ilustrada: Romances e leituras no Brasil dos fins de século XIX* IN http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/revista_ilustrada.doc (06/06/08).

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos e revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo, Edusc, 2004.

CHALHOUB, Sidney. *Visões de Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

MACHADO, Maria Helena. *O Plano e o Pânico: Os Movimentos Sociais na Década da Abolição*. Rio de Janeiro: Editora EFRJ, EDUSP, 1994.

NEVES, Margarida de Souza. *Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*, IN Antonio Candido, *Crônica: o Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil*, Campinas, Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

NERY, Laura Moutinho. *Cenas da vida carioca. Raul Pederneiras e a belle époque do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, Eduardo. *As Camélias do Leblon e a Abolição da escravatura: uma investigação de História Cultural*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *Sentido do humor, trapaças da razão: a charge*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

Referência Iconográfica:

Revista Ilustrada, ano 13, n. 495, 1888, P. 4.

Revista Ilustrada, ano 15, n. 590, 1890, P 4 – 5.

